

Entrevista com Gaudêncio Frigotto, professor titular aposentado de Economia Política da Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e atualmente professor associado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) para a matéria Novo Ensino Médio e os impactos de sua implementação na educação pública

1. Dentre as mudanças que o Novo Ensino Médio traz, algumas delas como exclusões de disciplinas, abertura para profissionais sem licenciatura, dar aulas e implementação geral do ensino integral, qual você acredita que é a mais impactante? Que mais desestrutura a educação brasileira? Alguma coisa muda perante a pandemia?

GF. A disputa entre a concepção dual e fragmentado do ensino médio e de sua forma integrada e unitária é parte da luta de classe. Para o projeto de sociedade de capitalismo dependente e, portanto, de associação subordinada da classe dominante brasileira aos centros hegemônicos do capital, não há interesse político, cultural e nem econômico para a universalização do ensino médio como etapa final da educação básica.

O que define a educação básica é um equilíbrio no currículo entre os campos de conhecimento que permitem ao jovem entender as leis da natureza e as leis que regem as relações sociais e que, em última análise, definem a relação com a natureza e os meios de vida. No Primeiro caso incluem-se a biologia, a física, a química, etc., e, no segundo, a história, a geografia, a literatura, a sociologia, a filosofia, as artes etc.

Neste sentido há um duplo processo impactante que destroça por completa este equilíbrio: primeiro é a exclusão ou a descaracterização de disciplinas, especialmente das ciências humanas e sociais, na linha das novas BCCNs. Concomitantemente, a definição dos itinerários formativos completa a anulação do sentido de educação básica “encurralando” precocemente os jovens que freqüentam a escola pública a um itinerário ou dois. Trata-se de uma traição aos jovens, pois isto os limita profundamente para o exercício da sua cidadania política e econômica.

A pandemia certamente é uma lição que deveríamos aprender sobre a relação do ser humano com a natureza. É justamente um intelectual da área da literatura, Mia Couto que nos lembra isto quando afirma: *A espécie humana notou que não é o centro de tudo, mas apenas a pequena parte de algo maior. Como Darwin, quando descobriu que somos um entre muitos seres livres, ou Freud, ao perceber que não somos feitos só de consciência. Ele viu que ali havia um inconsciente, espécie de sótão escuro que não dominamos. Ou ainda como Copérnico e Galileu, quando constataram que a Terra não era o centro do universo.* (Disponível em: <https://istoe.com.br/sofro-com-o-que-o->

[brasil-esta-passando-hoje/](#)). A contrarreforma do ensino médio, as novas BCCNs e a política do livro didático, cínica e absurdamente, fazem a opção oposta. Um retorno ao pragmatismo, à fragmentação e ao adestramento para o trabalho simples e à alienação social e política.

2- Como a implementação do Novo Ensino Médio conversa com as tentativas implícitas de instalar o ensino híbrido, principalmente em situação pandêmica, como estamos agora?

GF. Há uma relação sem dúvida. As contrarreformas efetivadas do golpe de 2016 todas são contra os trabalhadores, a educação e saúde públicas. O chamado “Novo Ensino Médio” mascara, como sinalizei acima, que o caminho deveria ser de reforçar o sentido da educação básica e de ensino médio integrado. Na verdade trata-se de entender que a realidade é que é integrada. O conhecimento potente é o que apreende desta forma e não como soma de caixinhas isoladas do conhecimento ou, o que é pior, hierarquizando os diferentes campos do conhecimento.

Mas após a eleição de um bloco de forças de extrema direita em 2019 a tese do ensino híbrido ganha força. Por um lado trata de poupar investimento público fazendo de nossa sala de jantar ou de nossos quartos de dormir sala de aula, com a luz, água, internet por conta do professor. Concomitantemente, a opção explícita de menos concursos e, conseqüentemente, mais intensificação e precarização do trabalho dos docentes e do corpo técnico administrativo. Para o governo de extrema direita facilita o controle ideológico do corpo docente buscando enquadrar-lo a usar os “novos livros didáticos” dentro da visão moralista oficial onde as questões de gênero e de racismo, por exemplo, são excluídas. Na verdade estes novos manuais oficiais seguem a cartilha do partido ideológico “Escola sem partido”. Partido da mordada, do ódio e da contraposição entre docentes, direções e alunos e pais.

O trabalho remoto no contexto da pandemia tem que ser entendido como um constrangimento emergencial limitado. Por razões pedagógicas, de saúde e sociais e culturais de forma alguma pode ser tomado como política pública permanente. O espaço da escola é muitíssimo mais que a telinha do computador ou do celular. É espaço de socialização, de conviver com a diferença, superar conflitos, em fim, educar-se para viver sem sociedade.

3 - Qual o maior desafio dos professores em meio à adaptação aos novos conteúdos e ainda com uma pandemia em curso?

GF. O maior desafio é vencer o medo, pois as táticas fascistas, a história nos mostra, é tentar calar pela pedagogia da ameaça e do silenciar o pensamento divergente. E o medo se perde no coletivo, pois nele está a força política e a sustentação psicológica. Antônio Cândido, no belo texto – *O caráter da opressão* - escrito nos tempos mais duros da ditadura empresarial militar de 1964, ao final nos diz que Alfred de Vigny tinha razão, quando anotou seu diário: "Não tenha medo da pobreza, nem do exílio, nem da prisão, nem da morte. Mas tenha medo do medo". (Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/o-carater-da-repressao-segundo-antonio-candido/>). Na mesma direção o escrito Mia Couto, num belo e curto texto, nos convida a "murar o medo". (Disponível em: <https://papodehomem.com.br/mia-couto-ha-quem-tenha-medo-que-o-medo-acabe/>).

O segundo passo é **resistir por dentro** para não seguir o absurdo que a contrarreforma do ensino médio, as novas BCCNs, as "novas diretrizes para a Educação Profissional e Tecnológica" e apolítica ideológica do livro didático que impor. Isto implica uma unidade dentro de cada um dos IF e do conjunto da Reder Federal na defesa da identidade dos mesmos e a prerrogativa de sua autonomia acadêmica. Trata-se, se for o caso, de no dissenso qualificado, buscar consensos coletivos possíveis para não perder mais do que já se perdeu e, unir-se na luta para derrotar as forças de extrema direita que desgraçam a sociedade e a educação, para recuperar o que estão destruindo. . Isto implica tomar consciência de que para o bloco de poder que arquitetou o golpe de Estado de 2016 e que acabou entregando o governo a forças de extrema direita, os IFs não estão sem eu projeto. O isolamento ou a postura de cada um buscar o seu interesse primeiro é o caminho de total descaracterização da Rede no seu conjunto. A perda será para a sociedade, mas também atingirá a carreira, o salário e a vida profissional de cada uma de cada um.

Tenho insistido em inúmeros debates com os IFs que os mesmos, especialmente na sua interiorização, têm uma base para se tornarem política e pedagogicamente fortes frente às investidas que buscam anulá-los. Percebo, ainda que com diferente intensidade, uma mobilização nesta direção. Destaco os inúmeros debates de norte a sul que vêm sendo realizados na busca coletiva de ensinamentos de resistência ativa. A frente nacional contra a imposição ideológica oficial e, de Caráter neofacista, do livro didático e perspectiva de debate encampado pela Rede Tecnológica de Extensão Popular (RETEP) exemplificam outros espaços fundamentais de luta.

4 - Ouve -se muito como justificativa que a Reforma foi feita para tornar o Ensino Médio mais atrativo para os jovens e para evitar a evasão, além da menção

constante do protagonismo e preparação para o mercado de trabalho. Você acha isso verídico? Quais seriam as outras formas de tornar o ensino médio mais atrativo?

Entre as mistificações que se propagam para ser o ensino médio mais atrativo são: protagonismo juvenil, autonomia para a escolha e, a mais apelativa, o do jovem *aluno digital*. Mistificações que são traições aos jovens, pois os incentivam ao caminho mais fácil. A juventude é um período de formação sem retorno se perdido e ele implica um diálogo com a geração adulta, pais e professores. Nós todos fomos jovens e sabemos que não fosse por insistência dos pais e de nossos mestres, o protagonismo seria o de tomar o caminho mais fácil.

Por isto que Florestan Fernandes, grande defensor da educação pública de qualidade destaca dois papéis igualmente centrais do professor: o de ensinar, que implica, sobretudo despertar nos jovens e já nas crianças, os espírito científico da busca, da curiosidade, da pesquisa e da descoberta e o papel político como educador na formação da personalidade e do caráter do aluno. É justamente o que os governantes neoliberais e neofacistas condenam: ensinar sim, educar não. Ensinar com o pacato dos institutos privados e educar com a ideologia do partido única da “escola sem partido”!

Em relação à autonomia para escolher. Outra mistificação. Cabe perguntar quais as bases que este jovem tem para escolher e quem lhes dá os elementos efetivos para a escolha. No caso dos Itinerários formativos, na maior parte das escolas públicas estaduais do país, poderão oferecer uma ou no máximo duas opções.

Por fim, a mistificação mais surrealista, a do *aluno digital*. Aqui reside o fetiche da tecnologia, que de meios e torna sujeito autônomo no processo pedagógico. Por trás disso está o processo de privatização por dentro da escola pública. Trata-se do olho voraz das empresas e institutos privados que vendem tecnologias e pacotes de ensino ao setor público. Aqui, também, a lógica do capital, seja vendendo boi ou ensino, é o lucro. De forma perversa utiliza-se de uma circunstância emergencial dramática da pandemia para postular naturalizar o ensino remoto ou híbrido como sublinhei acima.

A Proposta dos IFS tem em sua concepção esta alternativa. Uma formação integrada, por interior, ou omnilateral. Isto é que desenvolva todas as dimensões do ser humano: intelectuais, físicas, psíquicas, culturais e estéticas. Isto se efetiva pelo equilíbrio entre as ciências d natureza e ciências humanos e sociais. Nesta formação os laboratórios, biblioteca, espaço para as diferentes dimensões da arte e do esporte, são fundamentais. Um espaço aonde os jovens, em especial os que vêm da classe

trabalhadora e do meio popular, possam sentir que ali podem projetar seu futuro como cidadãos e como profissionais.

5 - Existe alguma forma de reverter a proposta do Novo Ensino Médio? Barrá-la? Impedi-la?

GF Certamente que existe e a história no-lo mostra: a vontade política de enfrentamento e a organização coletiva para viabilizar a resistência ativa. Isto implica o entendimento por parte do corpo dirigente e do conjunto dos profissionais que atuam nos IFs terem a clareza da gravidade do momento que vivemos e do que poderá ocorrer se as forças de extrema direita que governam o país se firmarem no poder

O segundo desafio é o que já sublinhei de resistir por dentro para manter e avançar os claros avanços, ainda que não hegemônicos no ensino, pesquisa e extensão e de forma integrada e de não abrir mão da inclusão dos novos sujeitos: ribeirinhos, quilombolas, comunidade negra e indígenas, alunos de escola pública e na educação de jovens e adultos.

Busca de apoio político e jurídico nas instâncias municipais, estaduais e federais para suspender a implementação da Reforma do ensino médio. Trata-se de apoiar e ampliar iniciativas como as do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio de Janeiro que encampa um abaixo assinado *on line* pela imediata suspensão da Reforma do ensino médio

Por fim, o desafio de unir-se à luta mais ampla dos movimentos sociais, sindicais, organizações científicas, políticas, artísticas e culturais empenhadas em enfrentar e derrotar a esfinge de forças sociais que estão destruindo a nação e indiferentes ao drama humano de mais de 470 mil óbitos e que metade dos quais poderiam ter sido evitados. Um quadro de desumanização insuportável e inaceitável.

Só a luta sem tréguas, solidária, sem ódio e organizada nos livrará da esfinge e o ovo de serpente que nos ameaça a cada dia e de forma cada vez mais voraz. À luta!